

Note que esse argumento reflete o do primeiro item. A mercadoria singular interioriza valores de uso, valores de troca e valores. Um processo de trabalho particular incorpora trabalho concreto útil e trabalho ou valor abstrato (tempo de trabalho socialmente necessário) numa mercadoria que será o suporte do valor de troca no mercado. A resposta ao problema de como o trabalho especializado ou “complexo” pode ser reduzido ao trabalho simples é parcialmente fornecida no item seguinte, quando Marx acompanha a mercadoria até o mercado e trata da relação entre valor e valor de troca. Passemos, então, ao item 3.

ITEM 3: A FORMA DE VALOR OU VALOR DE TROCA

A meu ver, esse item inclui uma enorme quantidade de material enfadonho, que muito facilmente pode esconder a importância do argumento principal. Como eu já disse, às vezes Marx veste a beca do contabilista, e o resultado é uma exposição que pode ser absolutamente tediosa: quando isso é igual àquilo e aquilo é igual a isso e isso custa três *pence* e aquilo quinze, o resultado é que outra coisa equivale a... e assim por diante, com o apoio de todo tipo de ilustração numérica. O problema de considerar os detalhes em vez de se concentrar na visão de conjunto – que ocorre com frequência em Marx – aparece potencializado aqui, o que torna aconselhável mostrar como devemos lidar com ele. Tratarei dessa questão em dois níveis: tomarei um argumento simples, técnico, e então comentarei seu significado mais profundo.

O objetivo de Marx é explicar a origem da forma-dinheiro. Diz ele (mais uma vez com a maior modéstia do mundo!):

Cabe, aqui, realizar o que jamais foi tentado pela economia burguesa, a saber, provar a gênese dessa forma-dinheiro, portanto seguir de perto o desenvolvimento da expressão de valor contida na relação de valor das mercadorias, desde sua forma mais simples e opaca até a ofuscante forma-dinheiro. Com isso, desaparece, ao mesmo tempo, o enigma do dinheiro. (125)

Ele realiza essa tarefa numa série de passos desajeitados, começando com uma simples situação de escambo. Eu tenho uma mercadoria, você tem uma mercadoria. O *valor relativo* da minha mercadoria será expresso em termos do valor (o trabalho incorporado) da mercadoria que você possui. Assim, sua mercadoria será a medida de valor da minha mercadoria. Invertendo a relação, minha mercadoria pode ser

vista como o valor equivalente da sua. Em situações simples de escambo, todo indivíduo que tenha uma mercadoria possui algo com valor relativo e está à procura de seu equivalente em outra mercadoria. Assim como existem tantas mercadorias quanto pessoas e trocas, existem tantos equivalentes quanto mercadorias e trocas. O que Marx quer mostrar é que o ato de troca tem sempre um caráter duplo – os polos das formas relativa e equivalente – no qual a mercadoria equivalente figura “como incorporação de trabalho humano abstrato” (134). A oposição entre valor de uso e valor, até aqui interiorizada na mercadoria, “é representada, assim, por outra que representa seu valor na troca (137).

Num terreno complexo de trocas como é o mercado, minha mercadoria tem inúmeros equivalentes potenciais e, inversamente, todo mundo tem valores relativos numa relação potencial com meu equivalente singular. Uma complexidade cada vez maior entre as relações de troca produz uma “forma desdobrada” de valor que se converte numa “forma universal” de valor (§ b, 138-41, e § c, 141-5). Esta se cristaliza, por fim, num “equivalente universal”: uma mercadoria que desempenha o papel exclusivo de mercadoria-dinheiro (§ d, 145-6). A mercadoria-dinheiro surge de um sistema de trocas, e não o precede, de modo que a proliferação e a generalização das relações de troca são a condição necessária, crucial, para a cristalização da forma-dinheiro.

Na época de Marx, mercadorias como o ouro e a prata desempenhavam esse papel crucial, mas em princípio ele poderia ser desempenhado por conchas de caurim, latas de atum ou – como às vezes ocorre, em condições de guerra – cigarros, barras de chocolate etc. Um sistema de mercado requer uma mercadoria-dinheiro de algum tipo para funcionar, mas uma mercadoria-dinheiro só pode surgir com o advento da troca mercantil. O dinheiro não foi imposto de fora, tampouco foi inventado por alguém que imaginou que seria uma boa ideia ter uma forma-dinheiro. Mesmo formas simbólicas, diz Marx, têm de ser entendidas nesse contexto.

Isso leva uma interessante questão interpretativa que se apresenta várias vezes n' *O Capital*: a argumentação de Marx é histórica ou lógica? Penso que a evidência histórica que sustenta essa explanação sobre o surgimento da mercadoria-dinheiro seria considerada, em nossos dias, pouco convincente. Sistemas e mercadorias semimonetários, ícones religiosos, emblemas simbólicos etc. já existiam havia muito tempo e expressavam algum tipo de relação social, sem que fosse necessária qualquer relação primitiva com as trocas de mercadorias, nem mesmo quando foram gradualmente introduzidos nessas trocas. Se consultássemos os registros arqueológicos e históricos, muitos deles mostrariam provavelmente que a forma-dinheiro não surgiu da maneira que Marx propõe. Tendo a aceitar esse argumento, porém acrescento o seguinte – e isso remete ao interesse de Marx em entender o modo de produção capitalista: sob o capitalismo, a forma-dinheiro tem de estar disciplinada

e alinhada com a posição lógica descrita por Marx, de modo que a forma-dinheiro reflita as necessidades de um sistema de relações de troca que se propaga cada vez mais. Contudo, o outro lado da moeda (desculpe o trocadilho) mostra que é a propagação das relações de troca de mercadorias que disciplina toda e qualquer forma simbólica precedente à forma-dinheiro necessária para facilitar as trocas mercantis. Os precursores da forma-dinheiro, que podem de fato ser encontrados nos registros arqueológicos e históricos da cunhagem de moedas, têm de se adequar a essa lógica, a ponto de serem absorvidos no capitalismo e de desempenharem a função de dinheiro. Ao mesmo tempo, deve estar claro que o mercado não poderia ter evoluído sem esse processo de disciplinamento. Mesmo que o argumento histórico seja fraco, o argumento lógico é poderoso.

Assim, esse item estabelece em seu conjunto a relação necessária entre a troca de mercadorias e a mercadoria-dinheiro, além do papel de determinação mútua que cada uma delas cumpre no desenvolvimento da outra. Mas há muitos outros aspectos nesse item que merecem nossa atenção. Logo nas primeiras linhas, Marx descreve como

A objetividade do valor das mercadorias é diferente de Mistress Quickly*, na medida em que não se sabe por onde agarrá-la. Exatamente ao contrário da objetividade sensível e crua dos corpos das mercadorias, na objetividade de seu valor não está contido um único átomo de matéria natural. Por isso, pode-se virar e revirar uma mercadoria como se queira, e ela permanece inapreensível como coisa de valor [*Wertding*]. Lembrem-nos, todavia, de que as mercadorias possuem objetividade de valor apenas na medida em que são expressões da mesma unidade social, do trabalho humano, pois sua objetividade de valor é puramente social e, por isso, é evidente que ela só pode se manifestar numa relação social entre mercadorias. (125)

Este é um ponto absolutamente vital, que não podemos deixar de enfatizar: o valor é imaterial, porém *objetivo*. Dada a suposta adesão de Marx a um materialismo rigoroso, esse argumento é surpreendente, e devemos nos deter um pouco em seu significado. O valor é uma relação social, e não podemos ver, tocar ou sentir diretamente as relações sociais; no entanto, elas têm uma presença objetiva. É preciso, portanto, examinar com cuidado essa relação social e sua expressão.

Marx propõe a seguinte ideia: os valores, sendo imateriais, não podem existir sem um meio de representação. É o advento do sistema monetário, da própria

forma-dinheiro como meio tangível de expressão, que faz do valor (como tempo de trabalho socialmente necessário) o regulador das relações de troca. Mas a forma-dinheiro só se aproxima do valor expresso – passo a passo, dado o argumento lógico – à medida que as relações de troca de mercadorias se propagam. Portanto, não existe nenhuma entidade universal externa chamada “valor” que, depois de muitos anos de luta, é finalmente expressa por meio da troca monetária. O que existe é uma relação interna e recíproca entre o advento da forma-dinheiro e as formas-valores. O surgimento da troca de mercadorias faz com que o tempo de trabalho socialmente necessário se torne a força norteadora no interior do modo de produção capitalista. Desse modo, o valor como tempo de trabalho socialmente necessário é algo historicamente específico ao modo de produção capitalista. Ele surge apenas numa situação em que o mercado cumpre a tarefa que se exige dele.

Da análise de Marx resultam duas conclusões e uma questão importante. A primeira conclusão é que as relações de troca, longe de ser epifenômenos que expressam a estrutura profunda do valor, existem numa relação dialética com os valores, de modo que estes dependem daquelas, tanto quanto aquelas dependem destes. A segunda conclusão confirma o status imaterial (fantasmagórico), porém objetivo, do conceito de valor. Todas as tentativas de medir diretamente o valor estão condenadas ao fracasso. A questão diz respeito ao grau de confiabilidade e precisão da representação monetária do valor ou, em outras palavras, a como a relação entre imaterialidade (valor) e objetividade (tal como capturada pela representação monetária do valor) desdobra-se na realidade.

Marx trata desse problema numa série de passos. Comenta: “Somente a expressão de equivalência de diferentes tipos de mercadoria evidencia o caráter específico do trabalho criador de valor, ao reduzir os diversos trabalhos contidos nas diversas mercadorias àquilo que lhes é comum: o trabalho humano em geral” (65). Aqui encontramos uma resposta parcial à questão sobre como ocorre a redução de trabalho humano especializado e complexo a trabalho humano simples. Mas ele prossegue: “A força humana de trabalho em estado fluido” – e é impressionante a frequência com que Marx invoca o conceito de fluidez n’*O capital* – “ou trabalho humano, cria valor, mas não é, ela própria, valor. Ela se torna valor em estado cristalizado, em forma objetiva” (128). Portanto, é preciso estabelecer uma distinção entre o processo de trabalho e a coisa que é produzida. Essa ideia de uma relação entre processos e coisas, juntamente com a ideia de fluidez, é importante na análise de Marx. Quanto mais as invoca, mais se distancia da dialética como lógica formal e se aproxima de uma dialética como filosofia do processo histórico. O trabalho humano é um processo tangível, mas no fim desse processo chegamos a esta coisa – uma mercadoria – que “coagula” ou “cristaliza” valor. Embora seja o processo efetivo o que importa, a *coisa* é que tem valor, a *coisa* é que possui qualidades objetivas.

Assim: “Para expressar o valor do linho como geleia de trabalho humano, ela tem de ser expressa como uma ‘objetividade’ materialmente distinta do próprio linho e simultaneamente comum ao linho e a outras mercadorias” (128).

O problema é: como é representado o valor, essa “objetividade materialmente distinta do próprio linho”? A resposta está na forma da mercadoria-dinheiro. Mas, observa ele, há algumas peculiaridades nessa relação entre o valor e sua expressão na forma-dinheiro. “A primeira peculiaridade que se sobressai na consideração da forma equivalente”, diz Marx, é que um valor de uso particular “se torna a forma de manifestação de seu contrário, do valor”, e isso “esconde em si uma relação social” (133-4).

Daí o caráter enigmático da forma de equivalente, que só salta aos olhos crus do economista político quando aparece para ele já pronta, no dinheiro. Então, ele procura escamotear o caráter místico do ouro e da prata, substituindo-os por mercadorias menos ofuscantes, e, com prazer sempre renovado, põe-se a salmodiar o catálogo inteiro da população de mercadorias que, em épocas passadas, desempenharam o papel de equivalente de mercadorias. (134)

“O corpo da mercadoria”, continua ele, “que serve de equivalente vale sempre como incorporação de trabalho humano abstrato e é sempre o produto de determinado trabalho útil, concreto” (134). O que isso quer dizer? O ouro, por exemplo, é um valor de uso específico, uma mercadoria específica, produzida sob condições específicas de produção, e, no entanto, nós o utilizamos como um meio de expressão de todo trabalho humano em qualquer parte – nós tomamos um valor de uso particular e o usamos como um substituto para todo o trabalho social. Isso gera questões complicadas, como veremos ao nos aprofundar na teoria do dinheiro, no capítulo 2.

A segunda peculiaridade é que “o trabalho concreto se torna forma de manifestação de seu contrário, de trabalho humano abstrato”, e a terceira peculiaridade é que, “embora seja trabalho privado como todos os outros, trabalho que produz mercadorias, ele é trabalho em forma imediatamente social” (135). Isso significa não apenas que o equivalente universal, a mercadoria-dinheiro, está sujeito a problemas qualitativos e quantitativos inerentes à produção de qualquer valor de uso, mas também que a produção e a comercialização da mercadoria-dinheiro, assim como sua acumulação (eventualmente como capital), estão em mãos privadas até quando desempenham sua função social universalizante. Quando o ouro ainda era uma mercadoria dominante e servia como lastro do dinheiro global no fim dos anos 1960, por exemplo, os dois principais produtores de ouro eram a África do Sul e a Rússia, e nenhum dos dois era particularmente simpático ao capitalismo internacional. A desmaterialização de todo o sistema financeiro, no início dos anos 1970, e o sistema de câmbio flutuante, livre do padrão-ouro, tiveram como conse-

quência o enfraquecimento dos produtores de ouro (embora essa não fosse a razão principal desse processo).

É esse tipo de contradição que a análise de Marx nos leva a contemplar, e veremos mais adiante – em particular no Livro III, mas também no capítulo 3 do Livro I – como essas peculiaridades e contradições começam a se manifestar na criação de possibilidades de crises financeiras. Em todo caso, a conclusão fundamental é que a relação entre os valores e sua representação na forma-dinheiro é cheia de contradições, de modo que não podemos nunca supor uma forma perfeita de representação. Esse desencontro, por assim dizer, entre valores e sua representação acaba tendo algumas vantagens, ainda que profundamente problemáticas, como veremos.

Isso nos leva a uma importante passagem sobre Aristóteles. “A troca”, diz Aristóteles, “não pode se dar sem a igualdade, mas a igualdade não pode se dar sem a comensurabilidade”². A relação entre as formas relativa e equivalente de valor pressupõe uma igualdade entre aqueles que realizam as trocas. Esse atributo de igualdade de no interior do sistema de mercado é extremamente importante; para Marx, ele é fundamental para o modo como o capitalismo funciona teoricamente. Aristóteles também entendeu a necessidade da comensurabilidade e da igualdade nas relações de troca, mas não podia imaginar o que havia por trás disso. Por que não? Marx responde que “a sociedade grega se baseava no trabalho escravo e, por conseguinte, tinha como base natural a desigualdade entre os homens e suas forças de trabalho” (135-6). Numa sociedade escravagista não pode haver uma teoria do valor do tipo daquela que encontramos no capitalismo. Note, mais uma vez, a especificidade histórica da teoria do valor para o capitalismo.

Isso faz com que Marx retorne às três peculiaridades da forma-dinheiro a fim de identificar sua oposição emergente:

A oposição interna entre valor de uso e valor, contida na mercadoria, é representada, assim, por meio de uma oposição externa, isto é, pela relação entre duas mercadorias, sendo a primeira – *cujo* valor deve ser expresso – considerada imediata e exclusivamente como valor de uso, e a segunda – *na qual* o valor é expresso – imediata e exclusivamente como valor de troca. (137)

Essa oposição entre a expressão de valor e o mundo das mercadorias, oposição que resulta numa “antinomia” entre mercadorias e dinheiro, tem de ser interpretada como uma exteriorização de algo que está interiorizado na própria mercadoria.

Uma vez exteriorizada, a oposição se torna explícita. A relação entre mercadorias e dinheiro é um produto daquela dicotomia entre valor de uso e valor de troca que identificamos como interna à mercadoria no início de nossa exposição.

O que concluímos disso? Primeiro, o tempo de trabalho socialmente necessário não pode operar como regulador daquilo que está ocorrendo diretamente, porque é uma relação social. Ele faz isso indiretamente, por meio da forma-dinheiro. Além disso, o surgimento da forma-dinheiro é o que permite que o valor comece a se cristalizar como princípio norteador do funcionamento da economia capitalista. E, é sempre bom lembrar, o valor é imaterial, porém objetivo. Ora, isso cria uma série de problemas para a lógica do senso comum, que supõe que o valor pode ser efetivamente medido; mesmo alguns economistas marxistas consomem um tempo inestimável explicando como conseguem fazê-lo. Meu argumento é: isso é impossível. Se o valor é imaterial, não há como medi-lo diretamente. Encontrar valor numa mercadoria apenas olhando para ela é como tentar descobrir a gravidade numa pedra. O valor só existe em relações entre mercadorias e só pode ser expresso materialmente na forma contraditória e problemática da mercadoria-dinheiro.

Refletiremos um breve momento sobre o status que Marx atribui aos três conceitos fundamentais de valor de uso, valor de troca e valor. Apresentarei ao mesmo tempo minhas próprias reflexões, derivadas de interesses específicos, que você pode aceitar ou rejeitar, como bem entender. Esses três conceitos diversos incorporam referentes espaçotemporais fundamentalmente distintos. Os valores de uso existem no mundo físico material das coisas, que pode ser descrito nos termos newtonianos e cartesianos de um espaço e um tempo absolutos. Os valores de troca se situam no espaço-tempo relativo do movimento e da troca de mercadorias, ao passo que os valores só podem ser entendidos nos termos do espaço-tempo relacional do mercado mundial. (O valor imaterial relacional do tempo de trabalho socialmente necessário surge no espaço-tempo mutável do desenvolvimento global capitalista.) No entanto, como Marx mostrou de modo convincente, os valores não podem existir sem valores de troca, e a troca não pode existir sem valores de uso. Os três conceitos são dialeticamente integrados uns aos outros.

Do mesmo modo, as três formas de espaço-tempo – absoluto, relativo e relacional – estão dialeticamente correlacionadas no interior da dinâmica histórico-geográfica do desenvolvimento capitalista. Esse é meu argumento como geógrafo. Uma das principais consequências é que o espaço-tempo do capitalismo não é constante, mas variável (como mostra a aceleração – e aquilo que Marx chama de “anulação do espaço pelo tempo”*) – provocada pelas constantes revoluções no

transporte e nas comunicações). Não posso deixar de introduzir isso na discussão para que você faça sua própria avaliação! Mas, se quiser se aprofundar na questão da dinâmica espaçotemporal do capitalismo, terá de procurar em outro lugar.

ITEM 4: O CARÁTER FETICHISTA DA MERCADORIA E SEU SEGREDO

Esse item é escrito num estilo completamente diferente, quase literário – evocativo e metafórico, imaginativo, lúdico e emotivo, cheio de alusões e referências a mitos, mistérios e necromancias. Ele contrasta com o sóbrio estilo explanativo do item anterior. Isso é característico da tática empregada por Marx ao longo d’*O capital*, que alterna os estilos de acordo com o assunto abordado. Nesse caso, a alternância provoca uma certa confusão quanto à relevância do conceito de fetichismo no conjunto da argumentação de Marx (uma confusão agravada pelo fato de que esse item foi transferido para um apêndice da primeira edição para a posição atual – assim como o item 3 – e não presente na segunda e definitiva edição d’*O capital*). Os interessados em desenvolver a teoria político-econômica rigorosa a partir de Marx, por exemplo, costumam tratar o fetichismo como um conceito estranho, que não deve ser levado muito a sério. Por outro lado, aqueles de convicção mais filosófica ou literária tratam o fetichismo muitas vezes como a pepita de ouro, o momento fundamental do entendimento de Marx a respeito do mundo. Assim, uma das perguntas que temos de fazer é de que maneira esse item está relacionado com o conjunto da argumentação de Marx. O conceito de fetichismo já foi assinalado em sua discussão acerca do modo de produção das características importantes do sistema político-econômico são “escondidas e confundidas por meio das “antinomias” e “contradições” entre, por exemplo, a singularidades da mercadoria-dinheiro, por um lado, e a universalidade da mercadoria fantasmagóricos, por outro. Tensões, oposições e contradições apresentadas anteriormente no texto retornam agora para um exame detalhado no capítulo sobre o caráter fetichista da mercadoria e seu segredo” (146). No restante d’*O capital*, Marx desenvolve muitas vezes (em geral, mais vezes)